

**PRONOMES ÁTONOS – COMPARAÇÕES DE USO
EM GÊNERO TEXTUAL ACADÊMICO**

Nelcicleia da Silva Tavares Honda (UERR)

cleia.honda@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo descrever os usos dos pronomes átonos em artigos acadêmicos e compará-los às regras da Gramática Normativa e também aos usos de determinadas áreas de conhecimento. Optou-se pelo método comparativo, utilizando artigos das áreas Humanas, Exatas e Socioaplicadas em comparação ao que estabelece a Gramática Normativa. A análise está ancorada teoricamente em Possenti (1996), Antunes (2007) e Cegalla (2000). Os resultados obtidos na pesquisa foram relevantes, pois, pode-se verificar que, dada a função social do gênero textual acadêmico, há uma conformidade com o que prescreve a Gramática Normativa, quanto à estrutura sintática prescrita para Pronomes Átonos – Ênclise, Mesóclise e Próclise –, embora a Mesóclise não tenha sido encontrada nessas produções textuais, o que pode indicar a obsolescência ou desuso dessa construção.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Colocação Pronominal. Norma culta.

ABSTRACT

This work aims to describe the uses of unstressed pronouns in academic articles and compare them to the rules of normative grammar and also to the uses of certain areas of knowledge. We opted for the comparative method, using articles from the human, exact and socio-applied areas in comparison to the normative grammar. The analysis is theoretically anchored in Possenti (1996), Antunes (2007) and Cegalla (2000). The results obtained in the research were relevant, as it can be seen that, given the social function of the academic textual genre, there is a conformity with what the normative grammar prescribes, regarding the syntactic structure prescribed for unstressed pronouns – entlisis, mesoclisism and proclisis –, although mesoclisism was not found in these textual productions, which may indicate the obsolescence or disuse of this construction.

Keywords:

Sociolinguistics. Pronominal Placement. Cultured norm.

1. Introdução

Este trabalho descreve o resultado de uma pesquisa que teve objetivo de descrever os usos dos pronomes átonos em artigos acadêmicos das áreas de Letras, Direito e Matemática e compará-los às regras da Gramática Normativa e também entre si. Trata-se de um trabalho que

surge da observação do uso da colocação pronominal em contexto formais e informais da língua. O uso dos pronomes no cotidiano acaba se distanciando do que prevê os compêndios gramaticais e, diante da singularidade da Gramática Normativa – que sustenta os conceitos e definições de “certo” ou “errado” –, está a pluralidade da oralidade, cujo uso permite a verificação do dinamismo da língua.

É um trabalho desenvolvido com base em teorias da Sociolinguística, (LABOV, 2008) área que tem como objetivo estudar a língua em uso em contexto real e tem a variação e a mudança linguística como um campo de interesse de pesquisa. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa e análise documental associada ao método descritivo e comparativo, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de artigos científicos publicados em revista da Universidade Estadual de Roraima – UERR, a fim de observar o uso dos Pronomes Átonos dentro de sua construção.

Para apresentação da discussão proposta, apresenta-se a Sociolinguística como a área que estuda a variação e mudança das línguas. Discute-se o uso oral e escrito da língua em relação aos padrões normativos. Apresentam-se as regras prescritas pela Gramática Normativa para o uso dos Pronomes Átonos. Discute-se o emprego da Norma Culta escrita em artigos acadêmicos e, por fim, é apresentado o resultado da descrição e análise comparativas propostas na pesquisa.

2. Sociolinguística, variação, mudança e uso da língua

A língua é um comportamento social e os estudos linguísticos associados a fatores sociais trazem informações relevantes à sociedade (LABOV, 2008, p. 53), por isso a Sociolinguística é uma importante teoria e área de pesquisa. Segundo Pessoa (2010),

A sociolinguística é a parte da Linguística que faz seus estudos enfocando a Língua, a Cultura e a Sociedade. Pode-se afirmar que língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. É no seio da sociedade, com suas particularidades e afinidades, que as falas fluem, que a interação ocorre. O condicionamento social da linguagem está em consonância com traços que se enraizaram, de forma muito profunda, na mente coletiva da comunidade linguística (...) (PESSOA, 2010, p. 137)

A variação linguística é um fato evidente e expansivo, e que a simultaneidade da língua padronizada pela Gramática Normativa e a exis-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tência das diversas formas que o falante usa para a efetivação da comunicação divergem no que se refere à oralidade em relação à escrita. As variações provocadas por fatores como no tempo e o espaço tendem a perpassar pelos falantes sem que estes percebam a ocorrência das mudanças na língua. Isso, a mudança linguística, de fato ocorre devido a ser um processo comum, e tal processo faz surgir um novo padrão de uso e a Gramática Tradicional não acompanha esse processo.

A Língua varia de acordo com suas situações de uso, pois um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade de adequação linguística. O que prevê como uso formal na escrita culta, na oralidade prevê o uso regional ou histórico. A exemplo de variação, citamos a prescrição pronominal da Gramática Normativa retratada no poema “Pronominais” de Oswald de Andrade. Esse poema expõe o distanciamento entre o que é prescrito pela gramática normativa e o que é usual no português brasileiro.

Dê-me um cigarro
Diz a Gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade)

O primeiro verso de “Pronominais”: **“Dê-me um cigarro”**, exemplifica a língua que a Gramática Normativa considera correta – Norma Culta. O último verso **“Me dá um cigarro”** exemplifica a língua geralmente falada pela maioria das pessoas. Isso mostra que a língua é um elemento em movimento, que existe a variação e essa variação faz parte do processo de mudança.

Bagno (2007) defende que a língua, assim como as demais outras línguas, é como um rio corrente, o movimento sempre existirá, o processo de transformação está em constante variação, considerando vários aspectos como tempo, região e a própria evolução que esta sofre naturalmente (BAGNO, 2007, p. 10).

3. O uso (oral e escrito) da língua e os padrões normativos

Os diversos estudos advindos de pressupostos teóricos da Linguística relacionam a natureza da linguagem e os aspectos cognitivo e social à humanidade e a necessidade de se comunicar. Assim, por ser a língua considerada objeto de uma prática social de linguagem, cabe a Linguística trazer luz sobre esses estudos em relação à língua e suas manifestações. França (2016) acredita que a “Linguística, antes de ser o estudo de línguas específicas, é o estudo da Faculdade de Linguagem, que permite de forma exclusiva à espécie humana”, por esse fato, preocupou-se em explicar a linguagem verbal humana (FRANÇA, 2016, p. 17).

Hanks (2008), citando Bourdieu, afirma que a língua e a linguagem se estabelecem como objeto de legitimidade quando impõem formas de uso, a norma-padrão, em favor da comunicação. Estabelecem também uma relação de poder através de instrumentos reguladores da língua, tais como dicionários e gramáticas que se acomodam para manter um padrão normalizador (HANKS, 2008, p. 89).

Em termos gerais, entendemos que norma padrão refere-se às regras e conceitos já determinados. Pode-se dizer que a norma padrão se aproxima do que está fixado nas Gramáticas Normativas, inspirado numa elite letrada conservadora. A concepção de Faraco (2002) sobre norma padrão “envolve um certo artificialismo e abstração, funcionando como “uma referência supra regional e transtemporal” com neutralização de marcas dialetais e um efeito unificador por coações sociais. Dado o caráter idealizado da norma padrão, é a essa noção que se costuma associar a ideia de homogeneidade linguística e certas atitudes puristas dos chamados “guardiões” da língua (FRANCO, 2002, p. 42).

A Norma Culta está amplamente ligada aos usos e valores da classe social de prestígio, ou seja, parcela da população brasileira que é plenamente escolarizada (com curso superior completo) e que está em contato com a cultura escrita historicamente legitimada. Acaba recaindo a um grupo que pressupõe comportamentos linguísticos “cultos”.

Possenti (1996) diz que é preciso entender que a Gramática é primordial no aspecto de compreensão dos alunos acerca da construção de textos, estruturas e regras gramaticais que devem ser levadas em consideração, no momento da produção textual. Portanto, espera-se que o falante conheça as normas gramaticais que correspondem às regras exigidas em determinadas produções textuais e saiba aplicá-las (POSSENTI, 1996, p. 32).

O falante deve saber aplicar os conhecimentos linguísticos em contextos formais e não formais de acordo com os padrões reais da língua e as suas adequações de sentido. Exige-se que o falante a de que o uso da língua às necessidades comunicativas. Dessa forma, o foco não está mais no conceito de certo e errado, mas no de adequado e inadequado, porque se entende que a linguagem não é homogênea. Esse pensamento corresponde à concepção de língua como processo de interação (BAKHTIN, 1997) e reforça a ideia de Antunes que diz que

Convém chamar a atenção para o fato de que não existe um padrão único de fala, como não existe também um padrão único de escrita. Não falamos nem escrevemos todos do mesmo jeito, em qualquer situação ou para quaisquer interlocutores. Falamos e escrevemos, com maior ou menor formalidade, mais ou menos à vontade, com maior ou menor espontaneidade e fluência. (ANTUNES, 2003, p. 52)

A escrita, em diversas situações, pode carregar marcas de oralidade. Osakabe (1982), defende que

[...] do ponto de vista de sua aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta. [...] A escrita atua como complemento da oralidade, cumprindo certas atribuições que situam além das propriedades inerentes a esta. (OSAKABE, 1982, p. 154)

Câmara Jr. (1999) define a Gramática como a arte de escrever e falar ‘corretamente’ adviria da ilusão do professor que, ao ensinar a escrita formal, estaria também ensinando uma fala satisfatória, que é diferente daquela trazida pelo aluno. Nesse sentido, o autor afirma (1999, p. 19) que “é a escrita que as Gramáticas Normativas escolares focalizam explícita ou implicitamente”. A observação do autor foi alvo de críticas no sentido do entendimento de que as Gramáticas Normativas prescreveriam regras para todos os usos da língua não permitindo a uma outra variação de uso (CÂMARA JR., 1999, p. 75).

Assim, as regras contidas nos compêndios gramaticais são pautadas, por vezes, em usos arcaicos, em textos literários, os quais deveriam acompanhar a evolução da língua (BECHARA, 2005, p. 143). O processo de produção escrita que não se fundamenta de acordo com a norma padrão da língua e suas questões pontuais, como por exemplo, o uso da colocação pronominal, cumpre o papel de comunicar, mas desmerece o status de oficial que garante a imposição e continuidade da norma.

Neves (2002) defende o pensamento de que na verdade o que importa é a função, determinada pelo uso das formas linguísticas. Não se pautar somente no que é de fato prescrito pela norma padrão, pelo que

prescrevem os manuais e julgar o que é certo ou errado. A autora usa uma abordagem científica para analisar a gramática viva dentro de seus escritos; evidencia que a regra imposta e a realidade da língua são caminhos diferentes e defende que as palavras dentro de um texto podem assumir diferentes efeitos de sentido, pois o seu uso vai mais além do que ditar normas dentro de um parâmetro rígido. Diz ainda que o caminho para o reconhecimento das características objetivas ou persuasivas de um texto é mais importante do que simplesmente fazer a análise sintática dentro de uma estrutura funcional (NEVES, 2002, p. 55).

Na referência ao uso da colocação pronominal no português brasileiro, os pronomes acabam sendo empregados na oralidade e na escrita de diferentes formas em relação ao que prescreve a Gramática Normativa. No entanto, em gêneros escritos mais formais, de circulação em meios mais letrados, há a necessidade de se recorrer ao que prescreve a Gramática Normativa em relação à próclise, mesóclise e ênclise. Um exemplo são os artigos científicos que, por se tratarem de gênero que exige mais formalidade, devem apresentar um modelo de escrita mais próximo ao que se conceitua como norma padrão.

4. Pronomes átonos: regras da gramática normativa

As regras do uso dos pronomes átonos como ênclise, próclise e mesóclise são apresentadas da seguinte forma na *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Celso Cunha (2000, p. 502).

Conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- Proclíticos (antepostos ao verbo) Isso não se faz.
- Mesoclíticos (intercalados no verbo) Chamar-me-iam de louco.
- Enclíticos (pospostos ao verbo) Quero-lhe muito bem.

Essas três colocações dos pronomes átonos denominam-se, respectivamente, próclise, mesóclise e ênclise.

PRÓCLISE A próclise será de rigor:

- Quando antes do verbo houver, na oração, palavras que possam atrair o pronome átono. Tais palavras são principalmente:
 - a) As de sentido negativo: Não o maltratei. Nunca se queixa nem se aborrece. Ninguém lhe resiste. Nada a perturba. Nenhum lugar nos agradou. Jamais te importunei.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

b) Os pronomes relativos:

Há pessoas que nos querem bem.

Nenhuma que nos odeie.

Conheces o homem por quem te apaixonaste? “Só então Luísa adivinhou o que se teria passado.” (FERNANDO PESSOA)

c) As conjunções subordinativas:

Quando nos viu, afastou-se.

Se me ensinares o caminho, chegarei lá.

Ela não quis os brincos, embora lhe servissem.

Ele é teu pai: é justo que o ampares.

Disse-me que não iria à festa, ainda que a convidassem.

Não sei como se justificaram perante a diretora.

Reagimos porque nos agrediram.

d) Certos advérbios:

Sempre me lembro dele.

Bem se vê que não entendes do riscado.

Aqui se trabalha, lá se fala da vida alheia.

Deixe a pasta onde a encontrou.

Mais se aprende vendo do que ouvindo.

O avô talvez o ajude a comprar a casa.

Ainda se lembra de mim?

e) Os pronomes indefinidos tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto

MESÓCLISE: A intercalação das variações pronominais átonas ocorre somente no futuro do presente e no futuro do pretérito, desde que antes do verbo não haja palavra que exija a próclise.

Exemplos: Realizar-se-á, em maio, uma reunião de prefeitos.

Falar-lhe-eia teu respeito, na primeira oportunidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ÊNCLISE: Os pronomes átonos estarão em ênclise:

a) Nos períodos iniciados pelo verbo (que não seja o futuro), pois, na língua culta, não se abre frase com o pronome oblíquo:

“Vai-se a primeira pomba despertada!” (RAIMUNDO CORREIA\)

“Diga-me isto só, murmurou ele.” (MACHADO DE ASSIS)

“Vendo-a entrar, Araquém partiu.” (JOSÉ de ALENCAR)

b) Nas orações reduzidas de gerúndio, quando nelas não houver palavras atrativas: “O anão chegara-se a Inocência, tomando-lhe uma das mãos.” (VISCONDE DE TAUANY)

Se o gerúndio vier antecedido da preposição expletiva em, ou modificado por um advérbio, usar-se-á a próclise:

Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa. Não o achando em casa, voltei desanimado. Custódio era dado ao luxo, pouco se importando com despesas.

c) Nas orações imperativas afirmativas:

Procure suas colegas e convide-as. “Romano, escuta-me!” (OLAVO BILAC)

d) Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição para, quase sempre é indiferente a colocação do pronome oblíquo antes ou depois do verbo, mesmo com a presença do advérbio não: Corri para defendê-lo.

Essas regras podem ou não ser aplicadas a depender do contexto de produção, seja ele oral ou escrito. Cada texto, oral ou escrito, apresenta suas normas e particularidades. Essas particularidades podem ser evidenciadas nos usos de alguns pronomes, principalmente o posicionamento deles nas frases – ênclise, mesóclise e próclise. “Dê-me um exemplo?” é a forma prescrita pela Gramática Normativa, com o pronome em ênclise, mas a forma mais usual é “Me dê um exemplo”, em próclise.

Diante desse fato, percebe-se que o que a Gramática prescreve nem sempre é usual, mesmo em situações formais de uso. As regras do uso se sobrepõem ao que a Gramática Normativa prescreve em virtude das variações do uso e ela não acompanha essas mudanças.

Mas, como já defendido, há situações de produção que exigem formalidade no uso da língua. O texto científico é um deles. Nos textos científicos não se admite o uso de expressões que contrariem a responsa-

bilidade de enunciação⁴⁰⁹ pautada na observação do discurso. O texto acadêmico científico deve fundamentar-se pelos aspectos textuais linguísticos e discursivos inerentes à confecção dos gêneros desse universo. O foco da escrita de tal gênero requer a observação da organização estrutural e técnica em acordo com a variante padrão da língua. Qualquer desvio nesse processo de escrita, pode até ser justificado em detrimento dos pressupostos que apontam para o uso social da Língua, conferindo-lhe a liberdade de comunicação e amparado pela descrição de variações, como geográfica, social, estilística. Entretanto, se não observada a estrutura de escrita padrão, o texto perde caráter de gênero científico.

5. *A pesquisa e a análise*

O objetivo geral desse trabalho é descrever os usos dos pronomes átonos em artigos acadêmicos e compará-los às regras da Gramática Normativa e também com os usos de determinadas áreas de conhecimento. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa e análise documental associado ao método descritivo e comparativo.

Foram selecionados três artigos científicos publicados na Revista *on-line Ambiente: Gestão e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Roraima que busca ampliar a visibilidade de pesquisas acadêmicas nas áreas de Ciências Humanas, Linguagens e Artes, Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e Agrárias, Ciências Socialmente Aplicadas*: um artigo de Letras, um de Direito e um de Matemática com a perspectiva de comparar os usos dos pronomes átonos em cada artigo acadêmico em relação às prescrições gramaticais e também entre si.

Dessa maneira, a escolha desse gênero ocorreu face à grande exigência do uso formal da língua e de sua função social. Trata-se de um gênero cuja produção circula em ambientes científicos como universidades e institutos de pesquisa e, portanto, requer de seus produtores maior aproximação e domínio das regras gramaticais linguísticas e sociais.

Os artigos selecionados são de áreas distintas por considerar-se a hipótese de que sendo de diferentes áreas, o uso e aplicação da próclise, mesóclise e da ênclise poderia acontecer de forma diferente nos textos, considerando-se que os cursos de Letras e Direito utilizam a língua como objeto de pesquisa e de trabalho com foco na persuasão. Isto é, nessas

⁴ Enunciação é o ato individual que coloca a língua em funcionamento (BENVENISTE, 1989, p. 59).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

áreas, a língua é um instrumento social mais determinante em suas rotinas em relação à área de Matemática e o intuito foi estabelecer comparações entre os textos no que diz respeito à aplicação dos pronomes átonos de acordo com o que prescreve a Gramática Normativa. O quadro a seguir apresenta os pronomes utilizados em cada artigo analisado.

Quadro 1: Descrição dos usos dos pronomes no artigo da área de Letras.

Área – Humanas: Letras	Prescrição normativa	Artigo acadêmico
Ênclise	Sem palavra atrativa o pronome é colocado após o verbo. ressalta que o papel do docente é manter- SE sempre em constatação atualizada
Próclise	A conjunção subordinativa “quando” atrai o pronome para antes do verbo. quando NOS referirmos ao termo abordagem, pressuposto teóricos sobre a língua e sua aprendizagem são englobados de forma evidente....
Ênclise	Sem palavra atrativa.	.. sendo assim, se conceito refere- SE às normas de aplicação de pressupostos...
Próclise	Advérbio de negação atrai o pronome átono. não ME espanto de perceber a variação da língua como ser vivo ativo...
Próclise	Pronome interrogativo atrai o pronome.	... quem NOS explicará as regras que prescrevem os conceitos gramaticais?

Fonte: A autora.

A análise dos dados mostra-se clara e objetiva. Identificaram-se 32 usos de ênclise; 22 usos de próclise e nenhum uso de mesóclise. Os dados apresentados no quadro 1 acima apontam para a cautelosa observação das regras gramaticais e do uso adequado dos pronomes oblíquos de acordo com o que prescreve a Gramática Normativa, não apresentando, portanto, variações de uso.

Quadro 2: Descrição dos usos dos pronomes no artigo da área de Direito.

Área – Socioaplicadas: Direito	Prescrição normativa	Artigo acadêmico
Ênclise	Sem palavra atrativa antes do verbo.	...Por meio dessa prática, o ator social utiliza sua própria razão e emoção para opor- SE à opressão na medida em que domina a realidade e age sobre ela com o intuito de modificá-la...
Ênclise	Sem palavra atrativa antes do verbo.	...Assim sendo, considerando que falo do lugar de um professor de Direito e advogado, valho- ME de uma passagem de Roberto Kant

		de Lima e Bárbara Batista que esclarece o que pretendo pontuar...
Próclise	Pronome relativo “que” como fator de atração.	...O Brasil conta com experiências e pensadores admiráveis como é o caso de Boal e Paulo Freire, apenas para citar dois grandes nomes, que NOS permitem unir arte e educação para fazer desta a realização daquela...
Próclise	Palavra com sentido negativo atrai o pronome.	...os debatedores não SE dão conta da importância de esclarecer de onde estão falando e acabam sustentando suas opiniões como se seus lugares de fala fossem pressupostos por todos (ou únicos).
Próclise	Palavra com sentido negativo atrai o pronome.	...precisamente colocou que “os analfabetos não são “pessoas que não SE expressam”, são pessoas incapazes de se expressarem em uma linguagem determinada...

Fonte: A autora.

Semelhante aos resultados encontrados na análise dos pronomes descritos no quadro 1 (curso de letras), observaram-se 23 usos de ênclise; 18 usos de próclise e nenhum uso de mesóclise. Os resultados do uso dos pronomes no artigo do curso de Direito deixam transparecer também o domínio dos produtores deste gênero quanto às normas prescritas na Gramática Normativa, não apresentando, portanto, desvios gramaticais.

Quadro 3: Descrição dos usos dos pronomes no artigo da área de Exatas.

Área – Exatas: Matemática	Prescrição normativa	Artigo acadêmico
Ênclise	Começo de sequência sem palavra atrativa e uso da vírgula.	...No processo de escolha, levaram- SE em conta três pontos fundamentais: 1) a dificuldade de apreender objetos que possuem múltiplas representações semióticas...
Ênclise	Orações reduzidas de gerúndio.	... revisar os conceitos matemáticos, lembrando- SE de tudo o que se aprendeu em anos a faculdade , faz repensar em nossas práticas...
Próclise	O pronome demonstrativo atrai o pronome para antes do verbo.	... Isto NOS leva a compreender que o ensino de matemática utilizando recursos materiais concretos não deve se reduzir a uma transpo-

		sição meramente qualitativa...
Próclise	Palavra com sentido negativo atrai o pronome. Não SE trata de nenhuma novidade em relação ao campo matemático, mas a relação da lógica nas resoluções...
Próclise	Palavra com sentido negativo atrai o pronome.	... por essa pesquisa não SE tratar de um estudo de caso, mas de uma pesquisa exploratória que visa contribuir para a melhoria da gestão e da contabilidade pública...

Fonte: A autora.

O artigo da área de exatas analisado nesta pesquisa também não apresentou significativas variações da Norma Culta no que se refere às prescrições da Gramática Normativa. Assim, verificaram-se também 21 ocorrências de próclise; 15 ênclises e nenhum registro de mesóclise.

Em perspectiva comparativa, verificamos que uso dos pronomes átonos nos artigos acadêmicos segue a determinação prescrita na Gramática Normativa, haja vista que este tipo de trabalho requer uma preocupação maior em sua construção e difere-se da oralidade.

Quanto ao que propõe a Gramática Normativa, as comparações mostraram que não ocorrem discordâncias significativas em relação às regras da ênclise e da próclise, pois os usos no texto seguem o que orientam as regras gramaticais. Assim, a hipótese de que, sendo de diferentes áreas, o uso e aplicação da próclise, mesóclise e da ênclise, poderia acontecer de formas diferentes nos textos, não se confirma. Apontam ainda que o uso de pronomes átonos em próclise é mais frequente; a ênclise tende a usos restritos e a mesóclise, por fim, está praticamente inutilizada, não sendo encontrada em nenhum dos trabalhos apreciados.

6. Considerações finais

A língua é elemento vivo, que se transforma e não pode ser contida em normas porque está sujeita a transformações que dependem muitas vezes da condição social do falante, da faixa etária, e das diferenças existentes entre uma região e outra. A mesma pessoa muda à sua maneira de falar dependendo do ambiente, podendo ser nesse sentido, um uso formal ou informal.

Diante desse estudo, observa-se que as muitas maneiras de falar não necessariamente interferem diretamente na maneira de escrever. Isso

significa que, mesmo com inúmeras variações da língua, ainda se guarda, ainda que de forma inconsciente, um conjunto de regras e normas que podem ser ativadas no momento de se elaborar um texto acadêmico e que pode naturalmente ser posto em repouso durante a oralidade.

“Nunca inicie uma frase com um pronome oblíquo átono”. Essa é uma norma bastante conhecida no meio gramatical. Ocorre que, no cotidiano, o uso dessa construção é algo bastante comum. No lugar de “empreste-me o livro”, dizemos “me empreste o livro”. Todos esses detalhes são exigências da Gramática Normativa. Entretanto, quando se conversa com amigos, familiares, essas regras não importam muito, ou seja, as deixamos de lado, lançamos mão da informalidade, da linguagem coloquial. Entretanto, embora a língua seja dinâmica, diante da elaboração de um texto acadêmico, o falante deve dispor de conhecimentos linguísticos referentes à Norma Culta e à Gramática Normativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da Gramática*: por um ensino de línguas em pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. Problemas da poética de Dostoiévski. 2. ed. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Fundamentos linguísticos*. São Paulo, 2001.

BENVENIST, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

CAMACHO, R. A variação linguística. In: _____. *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de Português*. São Paulo: Contexto, 1998.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

CHAVES, Adriana Paula. *Manifestações da língua falada em narrativas*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

escolares. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP, Araraquara, 2002.

CHOMSKY, Noam. *Novos horizontes do estudo da linguagem e da mente*. Trad. de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

COELHO, Izete, Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

DUARTE, Thaís P. P. J.; STORTO, Letícia Jovelina; DURANTE, Denise. Características da língua falada e da língua escrita: análise de entrevista com Vik Muniz. *Web revista discursividade*. ed. 14. 2014.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). São Paulo, 2002. p. 12.

FÁVERO, Leonor Lopes, KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística Textual*: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

FÁVERO, Leonor; ANDRADE, Mário Lúcio; AQUINO, Zilda. *Oralidade e escrita*: perspectiva para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANÇA, Aniela Improta. *A linguística no século XXI*: convergências e divergências no estudo da linguagem. Aniela Improta França; Lilian Ferrari; Marcus Maia (Org.). São Paulo: Contexto, 2016.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

HANKS, Willian F. *Língua como prática social*: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Org. Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende, Marco Antônio Rosa Machado; ver. São Paulo: Cortez, 2008.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividade de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. *Gêneros*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

textuais: constituição e práticas sociodiscursivas. São Paulo: Cortez.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e Gramática*. São Paulo, 2008.

OSWALD DE ANDRADE, O. *Obras completas*. V. 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972

QUADROS, Elisa Campos de. Língua escrita: alguns aspectos. *Letras* (37), p. 10-16. Curitiba: UFPR, 1988.

SOBRAL, Adail Ubirajara. As relações entre texto, discurso e gênero: uma análise ilustrativa. *Revista Intercâmbio*, v. XVII, p. 1-14, 2008. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação*: uma proposta para o ensino de Gramática. 10. ed. São Paulo. Cortez, 2005.

WEINREICH, Uriel. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog. Ver. São Paulo: Parábola, 2015.